



O MAJOR-GENERAL MARTIN.

Claudio Martin nasceu em Lyão no anno de 1732. Filho de um tanoeiro, desde os annos tenros revelára uma intelligencia elevada. Haviam-lhe ensinado apenas a ler e a escrever; mas a poder de diligencia e perseverança aprendêra sósinho as mathematicas, e á physica dedicára tambem largas vigalias.

Diziam os seus visinhos que elle perdia o tempo n'estes estudos; mal pensariam então que o humilde Martin chegaria por elles á posição a que chegou! Nem mesmo elle o imaginaria, quando, descontente do seu estado, resolveu assentar praça.

Sua avó debalde procurou dissuadil-o d'aquillo a

que chamava uma loucura; mas quando o viu prestes a partir, entregou-lhe um cartuxo de peças de vinte e quatro soldos, e disse-lhe: « Ahi tens, desgraçado; e uma vez que queres deixar-nos, não voltes cá senão de carruagem. »

Martin, incorporado na expedição que o conde Lally conduzia á India, partiu de Brest a 20 de fevereiro de 1757: a esquadra franceza só aportou a Pondichery a 28 de abril de 1758.

O conde de Lally, irlandez de nascimento, empregou todos os esforços por melhorar a fortuna da França, e contrabalançar a influencia ingleza, que predomina

minava em toda a costa de Coromandel. Por desgraça as dificuldades da situação e a má fé dos agentes da companhia franceza, omnipotente em Pondichery, tornando inefficazes as diligencias do governador, azedaram-lhe o caracter, naturalmente severo.

Prompto a sacrificar quanto possuia e a propria vida para humilhar os oppressores da Irlanda, exigia dos seus subordinados a mesma dedicação. Quizerá vel-os supportar sem um queixume privações e perigos, que alegre quinhoava.

Rebentaram numerosas sedições; o vigor com que foram suffocadas exacerbaram o odio, que inspirava esse homem, ao qual os habitantes de Pondichery alcunhavam de estrangeiro, e que aliás mostrava um coração mais francez que o d'elles. A desaffeição chegou a ponto tal, que muitos soldados desertaram para os inglezes. Só de uma vez abandonaram as bandeiras perto de duzentos!

Durante o cerco de Pondichery Claudio Martin imitou o exemplo de tantos dos seus camaradas. Posto que as deserções fossem então mui frequentes no exercito francez, os biographos de Martin não desculpam á sua memoria uma tão grave falta.

No exercito inglez obteve o nosso lyonez o posto de tenente, com permissão de passar a Bengala. Pelo seu hum procedimento foi promovido pouco depois a capitão. Enviado a Lucknow para levantar a carta das circumvisinhanças, soube tornar-se agradavel ao nababo de Aoud, que lhe encarregou a inspecção da sua artilharia; o valimento de Martin tornou-se ainda maior sob o successor d'este principe. Não só teve occasião de prestar-lhe importantes serviços; mas até, recorrendo ás suas noções de physica, soube divertir-o com engenhosas applicações das sciencias da Europa. Divertir o principe em um paiz despotico é tornar-se digno das mais altas recompensas: assim Martin em breve se viu senhor de uma fortuna colossal. Quando se travou a guerra entre a companhia das Indias e Tipoo-Saib, offereceu Claudio Martin aquella grande numero de cavallos, recebendo em remuneração a patente de coronel. Obteve em 1796 a de major-general; e quando falleceu, em 13 de setembro de 1800, contando sessenta e oito annos de idade, possuir riquezas fabulosas, e gosava de geral consideração. O modo por que o humilissimo filho do tanoeiro de Lyão, tornado opulento proprietario na India, dispoz d'essas riquezas que amontoára, tornam hoje respeitavel a sua memoria, para todos os que prezam a virtude, e desculpam as faltas do soldado de Pondichery de um modo esplendido.

O testamento de Claudio Martin, impresso por ordem do prefeito do departamento do Rhodano, occupava nada menos de outenta paginas.

As sommas que legou foram immensas; e a sua applicação a mais judiciosa e caritativa.

Martin, quem sabe se impellido por maus tratamentos, desertára o estandarte da patria; mas, poderoso, não se esqueceu da terra do seu berço, á qual deixou sommas, com que se crearam as celebres escolas (1), frequentadas por centenares de mancebos, que se dedicam á vida de operarios nos differentes ramos de industria.

O testamento do major-general Claudio Martin é mui extenso; nos dezenove primeiros artigos declara livres todos os escravos que haviam pertencido ás suas propriedades, garantindo a cada um o rendimento sufficiente para se manter. A cada um dos seus dous ir-

mãos legou 120:000 francos (19:200\$ réis); a cada uma das suas tres irmãs 90:000 fr. (14:400\$ réis). Aos pobres de Lucknow, de Canderganor, e Calcuttá deixou 450:000 fr. (72:000\$ réis): os juros d'esta somma devem ser-lhes distribuidos em especie por sacerdotes catholicos, protestantes, musulmanos e indios. Além d'isto deixou á cidade de Calcuttá 600:000 francos (96:000\$ réis) applicados á fundação que se julgasse mais util.

Estes legados, com o avultadissimo que consagrara á cidade de Lyão, para o fim que acima indicamos, são os mais importantes da herança. Muitos outros menores se lêem no testamento, que ainda montam a bastantes dezenas de contos de réis.

Ha no testamento d'este homem singular uma verba, que honrando o seu coração e abonando a sua franqueza, desculpa o espirito de vaidade com que outras prescripções d'elle parecem dictadas. «Desejo que o meu nome como bemfeitor seja conhecido depois da minha morte. A mesma ambição pode incitar outros a crear estabelecimentos de caridade; pois que a nossa especie é sobre tudo influenciada pela ambição e pelo amor proprio. Espero pois que me perdõem esta idéa. Com effeito, posto que empregasse toda a diligencia, por me esquecer da vaidade quando tratava de fazer bem, não me hsongeio de o haver sempre conseguido. Nunca deixei de exaltar nos outros a vaidade, que os levava a praticar acções generosas. Espero merecer a mesma indulgencia; porque nunca procurei augmentar a minha fortuna senão pela ambição de praticar o bem!»

Oxalá que todos os ricos imitassem o exemplo de Claudio Martin; não haveria de certo tantos pobres, e tanta miseria.

Os lyonezes erigiram uma estatua ao seu compatriota; esta estatua, que a estampa representa fielmente, é devida ao cinzel de Pradier, celebre escultor francez.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

I.

D. FIAS ROUPINHO (?).

Em todo o complexo da historia parece-nos que a parte maritima é a mais difficil de compilar, em geral, até ao tempo das cruzadas, e com particular referencia ao nosso paiz, até ao XIV seculo. Eis-aqui os fundamentos em que baseamos esta opinião.

A origem da navegação perde-se entre as nevas da antiguidade, partilhando o mysterioso esquecimento que sepultou igualmente as origens de muitos povos e de muitas cidades, de diversas instituições e usos, de innumerous ramos das sciencias e da industria, que se não sabe como, quando e aonde nasceram; mas não é só o nome do mais antigo navegante que ignoramos, a forma que teve a primeira embarcação, e qual foi o mar, o rio ou o lago primitivamente devassado pelo homem: as difficuldades de coordenar a antiga historia naval ainda vão muito mais longe.

Conhecemos a varia sorte de muitas gerações, desde a mais remota noute dos tempos até ao principio da civilização egypcia, sabemos como se desenvolveram antiquissimas industrias, como se modificaram successivamente diversas instituições, crenças e usanças desde os primitivos seculos, ou, pelo menos, encontra-se um fio n'esse labyrintho, que pode levar-nos, por meio de assiduas pesquisas, até ás raias da

(1) Veja-se a pag. 399 do undecimo volume d'este semanario, terceiro da presente serie.

verdade: assim reconstruiu Cuvier um mundo anti-diluviano; porém uma treva mais espessa, a carencia absoluta de uma protectora Ariadne, torna impossivel de surprehender, não só os elementos da navegação, de uma arte que deve ser coeva com a fundação da sociedade, mas tambem o rasto dos seus primeiros passos, e as transformações que soffreu, até que os livros sagrados nos fallam da arca de Noé, e, só muitos seculos depois do diluvio, de umas jangadas imperfeitissimas de que usavam os egypcios na navegação fluvial. O Eufrates e o Nilo foram sulcados, mais tarde, por canoas de vela e remos, porém as aventuras d'esses navegadores de Babylonia e de Memphis tambem ficaram no olvido; e a fabulosa Grecia inaugurou esta arte civilisadora, em mais ampla escala, com a empreza dos argonautas para roubar o velocino de ouro!

As tradições que a antiguidade nos legou ácerca da origem e desenvolvimento da navegação, são por tal fórma absurdas, que fóra impossivel joeirar a verdade d'entre tão grande numero de fabulas disparatadas; seriam chimericas todas as conjecturas sobre o assumpto. Não ha uma pedra, um hieroglyphico, que nos aponte o caminho, necessariamente lento, da arte de navegar, na sua infancia de seculos; que assigne datas e nomes aos acontecimentos e aos homens, que nas remotas epochas-devem, certamente, ter representado um papel importante sobre as aguas. A China, que aspira á prioridade em todos os ramos dos conhecimentos humanos, sustenta pelos seus letrados, e com a ajuda de cegos admiradores europeus, que calculava ha milhares de annos o movimento dos astros, e não ignorava as propriedades do iman; porém as navegações de longo curso, os aperfeiçoamentos astronomicos, e o uso da bussola são de mais recente data, e devem-se aos europeus, quando ainda os chins não perdiam a terra de vista, nem se tinham aproveitado da polaridade da agulha ceuada.

É aos phenicios que, com melhor fundamento, devemos attribuir o verdadeiro impulso dado á marinha, e é d'essa epocha que data a historia de tão importante arte, que não se liga, assim mesmo, sem solução de continuidade até aos nossos dias. Se recorremos ás chronicas, achâmos ahí registrados innumerables successos marítimos de gerações extinctas ha muito; mas ignorâmos em grande parte, por falta de descrições e modêlos, qual fosse a construcção dos diversos barcos que serviram de theatro a taes acontecimentos: é nas ruinas de Tyro, nas escavações de Herculanium, ou debaixo das areias, que o Oceano e o Mediterraneo deslocam junto dos antigos emporios do mar, que se pode estudar a architectura naval d'esses tempos sobre os restos de alguma galé ou barca, arrancadas de immemorial sepulchro.

A primeira marinha de guerra, de que temos noticia historica, é a phenicia. As navegações d'estes usados marinheiros chegaram até ás ilhas britannicas (assim chamadas hoje) deixando atraz de si as afamadas columnas de Hercules. O commercio do Levante e a fundação de colonias ao longo da Mediterraneo, fizeram prosperar a sua marinha mercante. Aos phenicios seguiram-se os carthaginezes, herdeiros da pericia e do espirito aventureiro d'aquelles, continuando a sulcar o Oceano com suas atrevidas galeras. Quinhentos annos antes da era de Christo deu-se a primeira batalha naval de que ha memoria, entre persas e gregos, nas aguas de Salamina, e d'ahi até á derrota da esquadra de Annibal pelo primeiro almirante romano, nenhum successo d'este genero recolheram as chronicas. Os romanos não aperfeiçoaram

consideravelmente a tactica nem a construcção naval, e a guerra marítima continuou sem alteração sensivel até á descoberta do chamado *fogo grego*, de que fizeram uso os imperadores de Constantinopla, e só mudou completamente com a invenção da artilharia, que, pela primeira vez, empregaram a bordo os venesianos contra os genovezes, já quasi no fim do seculo XIV. De então para cá começou a apurar-se a architectura naval, na Hespanha principalmente, e de reforma em reforma, de descoberta em descoberta, chegou-se á elegancia e solidez dos vasos actuaes; e a tactica, caminhando a par das construcções, deu nova face á navegação, e á guerra marítima, alargou os horisontes do commercio, da colonisação e conquista, e alcançou, ao cabo de incalculaveis esforços e de inabalavel perseverança, alliar-se ao poderoso motor, que dispensa as velas e os remos, e permite determinar, com alto grau de probabilidade, o numero de dias que se hão de gastar na viagem de um ponto a outro do globo.

Ha um abysmo, para a arte, entre estes milagres da sciencia moderna, e os rudes tempos de nossos avós, que ignoravam os mais simples elementos da astronomia! Quem será hoje capaz de definir precisamente o que era uma pinça, um barinel, uma caraca, e mesmo uma fusta? As urcas, galés, galeças e caravelas apenas são conhecidas por imperfeitos desenhos; e é mesmo raro encontrar-se o modêlo de um galeão ou de uma nau, das que havia ha duzentos annos. O estudo d'estas materias foi tão desprezado em Portugal, houve tão grandé descuido de archivar documentos sobre o assumpto, que o proprio sr. Herculano, o nosso unico historiador, que alcançou reconstruir o systema judicial e administrativo do berço da monarchia, não pôde dizer-nos o que era a marinha portugueza, nem mesmo se a havia, por esse tempo. *Os Annaes da marinha*, que escreveu o vice-almirante Quintella, nada adiantam, e, força é confessal-o, aquelle trabalho está muito abaixo da reputação do auctor.

Se não consta, por documentos, a existencia de uma frota, por insignificante que fosse, no reinado de Afonso Henriques, como se ha de affiançar que houvessem victorias navaes, ganhas por um almirante portuguez d'essa epocha, D. Fuas Roupinho? Diz o moderno almirante Quintella que é evidente terem havido armamentos navaes no tempo do conde D. Henrique e de seu filho, para defenderem as costas marítimas das correrias dos mouros, embora as nossas historias o não digam; e posto que esta opinião do illustre academico não assente em nenhuma baze historica, inclinamo-nos sem resistencia a seguir uma tal conjectura, bastante verosimil, principalmente em referencia ao periodo posterior á tomada de Lisboa. Esta importante cidade, á beira de um rio navegavel como é o Tejo, ficava exposta a ser saltada pelos barbaros, se não tivesse o apoio de algumas embarcações armadas. Porém, de outro lado, a gente portugueza era tão pouca, e essa empenhada sempre em guerras no interior do paiz, para estender as acanhadas fronteiras do reino, que mal poderia olhar pela organisação da necessaria marinha, contentando-se talvez com fortificar cuidadosamente as povoações da beira-mar. Demais os africanos possuíam grande numero de galés, e eram dextros em navegar, podendo assim abafar á nascença qualquer tentativa de engrandecimento marítimo por parte dos christãos; e todos sabem que a creação de uma esquadra é tarefa muito mais lenta e difficil do que disciplinar um exercito, fortificar as fronteiras e mes-

mo os portos de mar. É de erer que muitos dos estrangeiros que ficaram em Portugal da armada dos cruzados, capitaneada por Guilherme de Longa Espada, entendidos como eram nas cousas maritimas, imprimissem valioso impulso á navegação portugueza, servindo talvez de nucleo á nossa frota algumas das 160 *navibus quas barcias nominamus*, mencionadas na historia da fundação de S. Vicente de Fóra, como auxiliares para a tomada de Lisboa; porém ainda assim, accitando todas as hypotheses favoraveis, não havia tempo para se ter elevado a nova marinha militar a tal altura, que pudesse ir provocar a esquadra mourisca, forte em guerreiros e maruja, dar-lhe batalha, e vencel-a.

Quando não fossem contestadas de ha muito por escriptores sisudos as façanhas navaes do alcaide de Coimbra e Porto de Mós, a carencia absoluta de documentos comprovativos de taes batalhas annullaria a reputação guerreiro-maritima de D. Fuas, fabricada por novelleiros da estofa de Galvão, e confirmada pela credulidade dos Acenheiros e quejandos.

Se descobrissemos vestigios de ter havido algum commercio maritimo n'essa nebulosa epocha do começo da monarchia, seria isso exuberante prova da co-existencia de uma tal ou qual marinha de guerra; mas, infelizmente para a gloria nacional n'esse ramo da arte militar e sciencia da navegação, os monumentos estão calados, os historiadores silenciosos, e a tradição nada nos legou com bons fundamentos. É verdade que, em o Nobiliario, attribuido ao conde D. Pedro de Barcellos, se diz que, depois da batalha de Guimarães, Fernando de Trastamara fóra mandado para fóra do reino por mar, e na *Historia compostelana* se mencionam navios pertencentes a D. The-reza, mãe de Affonso Henriques, no anno de 1121, á similhaça dos que possuia o arcebispo Gelmirez (*Navis piratica que vulgo galea dicitur*) com os quaes fez saltar as terras dos mouros, em vingança dos roubos que os marinheiros africanos tinham commettido na costa de Galliza; mas estas noticias são vagas, e sem sequencia de outras particularidades, nenhuma luz ministram ao historiador entre tão cerradas trevas. O cargo de almirante existia, talvez, em Portugal desde o principio da monarchia; sabe-se que foi exercido por alguns portuguezes até ao tempo de D. Diniz, em que veio ao reino desempenhar as funções do commando superior da frota o genovez Manuel Peçanha, ficando a dignidade de almirante hereditaria na sua familia durante um largo periodo. Esta nomeação de um chefe estrangeiro, assim como sa de alguns patrões e arrões, também genovezes, para as embarcações d'el-rei, provam evidentemente o atrazo dos nossos officiaes de mar ainda no principio do seculo XIV, porém demonstram ao mesmo tempo que a marinha de guerra já existia entre nós, embora muito insignificante ella fosse; nem de outra forma teria havido até então em Portugal o cargo de almirante. Ainda mais. No reinado de Sancho II existia também um pretor da marinagem, e o mesmo monarcha determinava que se respeitasse este fóro militar, e que as justiças da cidade não tocassem nos seus marinheiros, sobre os quaes só elle e o pretor tinham poder. (*Documento do seculo XIII, sem data, do cartorio de Chellas*). Além d'isto as chronicas mencionam, logo no tempo de D. Sancho I, quarenta galés e galeotas, que o mesmo soberano uniu á armada dos cruzados, com que emprehendeu a conquista de Silves; suppõe-se também que alguns vasos portuguezes acompanharam os estrangeiros na tomada de Al-cacer do Sal por D. Affonso II; e falla-se em forças

maritimas, com que D. Sancho II ajudou os seus cavalleiros no cerco e preza de Ayamonte. Mas que forças eram essas? Que esquadra levou Affonso III ás expedições de Faro e Sevilha? Também não sabemos? E comtudo, o constructor João de Miona, já havia fabricado uma nau para este monarcha, como consta de uma doação da epocha. Finalmente só durante esse reinado apparecem as primeiras providencias relativas ao commercio exterior, e a mais remota idéa da nossa marinha mercante. É claro que, em tempos de contínua guerra, a navegação estaria interdita para o commercio, sem a protecção da marinha militar; e logo que não existia aquella, certo é que esta era quasi nulla. E de facto, que força attingiu a frota desde o tempo de D. Sancho I, porque antes nada consta de positivo; que grau de influencia teve na conquista, que serviços prestou ao paiz, até que a sua direcção foi confiada a um estranho? Essas duvidosas expedições navaes de Affonso II, Sancho II e Affonso III, de que nem ao menos nos restam os nomes dos capitães!

Um ou outro facto sem ligação, augmenta as incertezas em vez de as desfazer: por exemplo, na *Dissertação chronologica* encontra-se uma inquirição, na qual o alcaide de navio João Pires Barriga depoz que, em tempo de D. Sancho II, os judeus davam de fóro uma ancora e um calibre a cada galé d'el-rei, que ía fazer carreira. Porém que numero de barcos chegou a possuir o estado, qual o seu porte, que carreiras eram essas? Estamos na mesma incerteza.

O positivo, o tangivel ácerca da marinha portugueza, como força regular, só começa no reinado de D. Diniz. É porém notavel, que conservando-nos a tradição uma confusa memoria das expedições apontadas, e sendo certo que houveram almirantes nacionais antes da chegada de Peçanha, nenhum vulto maritimo, embora fabuloso, legasse á posteridade, senão o de Fuas Roupinho, que não coincide com a existencia de nenhuma frota, comprovada pelos historiadores!

Embora! Não privaremos os amantes da gloria nacional, menos escrupulosos em pontos de auctoridade historica, de contemplarem esse quadro das primeiras façanhas maritimas dos portuguezes, nem o vulto homérico de D. Fuas, como a tradição nol-o herdou, tão adequado a esse tempo, que podemos chamar heroico, e quasi fabuloso, da monarchia, como o proprio rei D. Affonso, o seu aio Egas Moniz, o Lidador, o Espadeiro, e tantos outros semi-deuses.

Depois de aturada peleja por largos annos nas frontieras do novo reino, e de valiosos serviços prestados nas alcadarias de Coimbra e Porto de Mós, D. Fuas Roupinho, o aio querido do infante D. Pedro Affonso, já no inverno da vida, desferia as velas de algumas galés, e descia as aguas do Tejo, em demanda do Oceano, onde esperava encontrar o famoso almirante Alfamim, chefe mourisco de uma possante frota, terror da christandade de todo o litoral portuguez. Como o consul Duillio, inexperiente das cousas do mar, e capitaneando maruja e soldadesca, pouco mais afeita ao marulho das ondas do que a romana, o nosso almirante venceu a esquadra dos infieis junto ao cabo de Espichel, e voltou a Lisboa, hasteando as quinas de Portugal sobre os crescentes musulmanos das captivas galés, e tendo aprizionado ou morto o perro Alfamim, que n'este ponto não estão concordes as narrativas.

Tão glorioso successo, ao qual a tradição assigna

a data de 1180, foi seguido de nova tentativa, provavelmente no verão do proximo anno de 1181, e outra brilhante victoria naval coroou as armas portuguezas, em frente mesmo dos muros da descrida Ceuta.

Terceira vez ainda saíu ao mar o intrepido guerreiro de Porto de Mós e do cabo de Espichel, a guardar a costa do Algarve, e afugentar d'ella as galés africanas; porém essa tinha de ser a ultima viagem de D. Fuas, rematada por um derradeiro e desastroso combate! A tempestade arrojou para o Mediterraneo as suas 21 galés, e a 17 de setembro de 1182, achou-se de novo á vista de Ceuta, mas cercado de 54 embarcações de guerra, que o esperavam apercebidas para lavar a affronta das meias-luas no sangue do almirante portuguez e dos seus guerreiros.

Travou-se furiosa a peleja entre christãos e agarenos, apesar da desigualdade das forças; sangrenta foi a abordagem; porém o valor teve de ceder ao numero, e D. Fuas Roupinho achou a sepultura nas aguas, como convinha a um almirante vencido.

« O portuguez sobre cujas cans se revolviam as vagas, ficava ali como quem já tomava antecipada posse de Africa em nome de Portugal. » (1)

F. M. BORDALO.

OS INDIOS CONIBÓS.

Os índios Conibós, povos da America do sul, vivem a tres jornadas a leste do rio Ucayala.

São mui singulares os costumes e usanças d'estes indigenas americanas; um dos mais extravagantes é o que consiste em *espalmar* a cabeça dos recém-nascidos por meio de duas taboinhas, postas uma sobre a testa e outra sobre a nuca, e prezas com uma correia. Quando as creanças chegam á idade de seis meses, retiram-lhe este singular aparelho, celebrando-se por essa occasião uma festa, em que se entregam com o maior excesso ao uso de certa bebida fermentada, a que chamam *chicha*.

Livres, estes indigenas usam os cabellos compridos e fluctuantes, cortados rentes sobre a testa, como indica a gravura. Os seus pentes são feitos de pequenos pedaços de madeira de palmeira e de outra madeira, a que chamam *palo colorado* (pau vermelho) ligados uns aos outros com duas fitas de algodão, formando differentes debuxos. Usam ainda a longa tunica de algodão dos antigos incas. Em vez de bordaduras de ouro são aquellas tunicas ornadas de desenhos variegados. Costumam pintar de vermelho o rosto, mãos e pés.

As mulheres preparam os alimentos, e vão ao mato buscar lenha para accender o lume. Plantam a mandioca, e colhem-na na epocha propria; á medida que arrancam os tuberculos da terra, lançam-nos em um saco de rede, que trazem pendurado ás costas, e seguro de uma corda, que amarram á cabeça.

Em geral estão habituadas a carregar á cabeça pesos enormes. São tambem as mulheres que fabricam a louça ordinaria de que se servem.

Posto que esta louça possa resistir ao fogo facilmente, é mui inferior a todos os respeitos aos vasos que manufacturavam os antigos incas de Cuzco, nos quaes se encontram desenhos, e não mui grosseiros, de personagens, de animaes e de fructos.

(1) A. F. de Castilho. — Quadros historicos de Portugal: D. Fuas Roupinho.

Os homens só se dedicam de bom grado aos trabalhos irregulares da caça.



Para esse fim servem-se de arcos e da *parcuna*, com a qual arrojão pequenas frechas envenenadas, por meio de um succo vegetal, preparado da maneira seguinte:

Fazem cozer durante vinte e quatro horas, n'uma grande caldeira, varios pedaços de uma planta que o doutor Wenddell reconheceu como pertencente ao genero *cocculus*, e a que fixou a denominação de *C. toxiciferus* Wedd. Acrescentam-lhe uma substancia com a apparencia de musgo, extrahida da casca de certa arvore do genero *Strychnos*. Weddell marcou-lhe o nome de *S. Castelnovana*. Deixam ferver este mixto até tomar a consistencia de colla. Os conibós ensaiam a força d'este veneno sobre uma grande tartaruga: de ordinario o animal succumbe depois de alguns minutos de agonia. Todavia podem engulir-se impunemente algumas pequenas porções de tal veneno: tomado porém em altas doses, mata instantaneamente. O antidoto de que se servem os indios, e com incontestada efficacia, é o sal.

Estes preciosos esclarecimentos sobre os conibós, extrahidos do *Magasin Pittoresque*, excellente publicação franceza, a que devemos muitos subsidios, foram obtidos pelo sr. E. Deville nas suas viagens.

A civilização de uma nação não se afere pelo seu luxo; mas sim pela illustração intellectual; pela perfeição industrial; e pelo justo conhecimento dos direitos do homem e do cidadão.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

RESIGNAÇÃO.

Un nouvel homme en moi renait et recommence.

LAMARTINE.

De meus dias as horas vão contadas:
Poucas me restam já! Sei que vivi
Pela conta das lagrimas choradas,
Que ventura e prazer não conheci.

A morte que vem perto, e lentamente
Me consome e devora sem cessar,

Recebo, ao despedir-me, alegremente.
Folga o meu coração, não sei chorar!

Se a Providencia quiz, se quiz a sorte
Que pensasse no mundo o que eu pencei:
Como o cysne expirando encara a morte,
No derradeiro extremo cantarei.

Minha alma toda inteira n'este canto
De mesquinhas prizões se vae soltar:

Embebido n'um só affecto santo,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como do templo a lampada que expira
Derrama em torno a si mais brilho e luz,
As cordas que se partem d'uma lyra
Vão resoar, gemendo, aos pés da Cruz.

Só o homem, vaidoso, a sepultura
Não sabe sem pavor inda encarar;

Mas eu na morte em fim acho doçura,
Folga o meu coração, não sei chorar!

O que é a vida p'ra valer que a chorem,
Se em seguida ao prazer renasce a dôr;
O que é a vida p'ra valer que a adorem,
Se no mundo á traição chamam amor!

Trabalhar e soffrer é nossa sina
Em quanto a noute eterna não chegar:

Embora longe da mansão divina,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Cinore embora quem preza a vida sente
Aos olhos da mulher sua afeição,
Como a hera que abraça docemente
As ruinas d'um portico pagão;

A mim, que nada no mundo me tem prezo,
Que as minhas afeições vi desabar,

A vida e mais as lagrimas desprezo;
Folga o meu coração, não sei chorar!

Em tudo semelhante a essas aves
Que desprezam dos campos o matiz,
É que só pelos canticos suaves
As conhecem os seus, no seu paiz.

A ellas semelhante é o poeta
Que busca a solidão para cantar:

É que pode dizer á mente inquieta,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como o bronze sagrado do mosteiro,
Que alegria e prazer, que o riso e a dôr
Confunde n'um só canto derradeiro,
Que manda ao throno excelso do Senhor:

Depurado de fel, o sentimento,
Que no peito uma vez deixei entrar,

Embora convertido em meu tormento:
Folga o meu coração, não sei chorar!

L. A. PALMEIRIM.

ORIGEM E ORGANIZAÇÃO ACTUAL
DOS COSACOS.

Uma lueta gigante, travada no oriente da Europa entre quatro grandes potencias, traz suspensa a attenção do mundo.

Qual será o resultado dos espantosos successos que estamos presenciando? Para que lado se inclinará o fiel da balança? Perguntas são estas, a que é difficil responder satisfactoriamente.

Tudo quanto se refere á questão do Oriente, que pode chamar-se a maior, a mais momentosa dos nossos dias, é procurado e lido com avidéz. É por isso tambem que nos parece dever ser recebida com interesse a seguinte noticia sobre os *cosacos*, que constituem um dos elementos mais temiveis da força militar do colosso moscovita. Extrahida de uma publicação, considerada e respeitada como auctoridade do maior pezo, aquella noticia tem todos os caracteres de authenticidade e boa informação, que podem desejar-se, tornando-a digna da acceitação, que não merecem trabalhos escriptos sem consciencia e sem conhecimento dos factos.

Não é conhecida de uma maneira irrefragavel a origem dos cosacos; mas sabe-se que elles foram sempre o que são ainda hoje; associações democraticas organisadas com o intuito de fazer a guerra, ou, para melhor dizer, de roubar e saltar. Para se manterem, estas associações carecem de dous agentes; o perigo e os despojos. Defender e augmentar os seus haveres pela força das armas, atacar e destruir as habitações dos povos convizinhos, tal tem sido o fim que se hão proposto. Assim, em todos os pontos das fronteiras onde a defeza é necessaria, estas associações perpetuaram-se com o seu primitivo character. O proprio governo as anima e as excita, reconhecendo os privilegios que obtiveram, e promettendo-lhes outros novos; mas logo que um d'estes pontos deixa de ser ameaçado, logo que os cosacos, a cuja guarda havia sido confiado, deixam de ter em sua frente inimigos, de que hajam de defender-se, ou que devam aggreddir, a sua situação muda. O governo russo sómente os considera como um obstaculo, ou como um perigo. Na primeira hypothese procura limitar-lhes pouco a pouco os privilegios, para os igualar á condição dos seus proprios subditos; na segunda, suprime subitamente as suas associações, e as dispersa, mandando para o interior as familias que as compunham.

Os cosacos formam duas grandes tribus principaes: os *cosacos da pequena Russia*, e os *cosacos da grande Russia*. A patria primitiva de uns era perto do Dnieper, a dos segundos cêrca do Don: e por este motivo se designam algumas vezes estas duas grandes cathogorias pelo nome de *Cosacos do Dnieper* e *Cosacos do Don*.

Os cosacos da pequena Russia datam do XIII seculo e do começo do XIV. N'esta epocha, tendo-se os pagãos da Lithuania apoderado de Kief, antiga metropole da Russia, grande numero de russos, para se subtrahirem ao jugo dos vencedores, abandonaram o seu paiz, e refugiaram-se além das cataractas do Dnieper. Os *zaporogos* (nome que tomaram) representaram brilhante papel na historia da Russia. Muito tempo alliados da Polonia, mais tarde descarregaram-lhe os primeiros golpes; mas o castigo não se fez esperar, porque a perda da sua independencia começou no dia em que se separaram d'aquella potencia.

Em virtude da paz de Radzine (1681) toda a re-

gião habitada pelos cosacos foi annexada á Russia. Mazzeppa tentou sublevar-os, mas Pedro o grande puniu-os severamente da sua sedição, e conseguiu pacificar as provincias da Ukrania. Os zaporogos, achando-se na impossibilidade de continuar nas fronteiras a vida independente que ali haviam vivido, procuraram regressar ao paiz que precedentemente habitavam, e a imperatriz Anna favoreceu a sua emigração: mas então tornaram-se um verdadeiro obstaculo á civilisação da Russia meridional, pelos estorvos de toda a especie que suscitaram aos colonos estrangeiros. A imperatriz Catharina, a quem se haviam de mais a mais tornado suspeitos durante a guerra que fizera aos turcos, obrigou a maior parte d'elles a retirar-se para a Criméa, onde se estabeleceram sob a denominação de cosacos do mar Negro. Entretanto uma pequena porção emigrou para a Turquia, fixando residencia nos Balkans. Em 1828, a rogos do imperador Nicolau, voltaram para a Russia, em numero de dous a tres mil, e foram enviados para a costa occidental do mar de Azof, onde os utilisam no serviço de marinha.

Em 1812, quando o Pruth se tornou a fronteira da Russia, bandos d'estes cosacos vieram ali estabelecer-se formando corpos irregulares. Foram esses corpos dissolvidos em 1818; mas o imperador Nicolau os reorganizou em 1845 sob a denominação de exercito dos cosacos do Danubio. Estes cosacos conservam menos puro que os outros o caracter de verdadeiros russos, e n'estes ultimos tempos, admittiram ao seu gremio grande numero de gregos, servios, bulgaros e bohemios.

Os cosacos da grande Russia, no reinado do czar Ivan IV, o terrivel, eram uma especie de salteadores, que não contentes de assolar o litoral do mar Negro e do mar Caspio, alongaram as suas excursões, através dos steppes, até os montes Ouraes; e assim se foram acercando do Volga. Este rio, servia então de via principal ao commercio da Asia, que os czares favoreciam especialmente. Em 1577, Ivan, descontente das suas depredações, enviou contra elles um exercito commandado por Moraschkine. Esta expedição promoveu o augmento do imperio russo em circumstancias bem extraordinarias. A aproximação de Mouraschkine, os cosacos do Don dispersaram-se. Um dos seus chefes, Iermack, foi estabelecer-se com um punhado de gente no Oural; repelliu d'ali os tartaros, e depois com outocentos e quarenta dos seus compatriotas entrou pela Siberia, e apoderou-se d'esta região. Assim fundou os cosacos do Oural e os da Siberia. Outro grupo dos cosacos do Don refugiou-se no Caucaso, e pela successão dos tempos, formou a chamada linha do Caucaso, exercito particular que o imperador Nicolau organisou, e collocou sob as ordens do commandante em chefe do exercito de operações na Circassia.

Outr'ora os cosacos tinham o privilegio de eleger os seus chefes e officiaes; hoje o imperador reserva para si esta prerogativa. Todos os postos subalternos são exclusiva e vitaliciamente conferidos a individuos de origem cosaca; mas a nomeação dos officiaes superiores recae muitas vezes em individuos estranhos ás tribus.

Os cosacos não estão sujeitos á capitação, e por consequencia ao recrutamento. Em cambio d'esta vantagem são obrigados a fazer o serviço militar com armas e cavallos, e não tem direito a soldo senão quando juram bandeiras.

O levantamento de tropas effectua-se segundo as circumstancias, e a necessidade; umas vezes desti-

nam-se a formar cordões militares contra os povos turbulentos das fronteiras; outras vezes a fazer o serviço interior, ou de fiscalisação. Todos os cosacos, sem excepção, são obrigados ao serviço militar. Cada corpo de exercito tem de fornecer tantas armas e cavallos quantos forem mister aos seus regimentos. Os cosacos ricos fardam-se á sua custa; o corpo fornece equipamento aos que são pobres; porque cada corpo tem a sua caixa, o seu arsenal etc.

Julga-se geralmente que os cosacos são exclusivamente tropas de cavallaria, e figuram-nos sempre volteando e escaramuçando nos flancos dos exercitos inimigos. Similhante opinião é inexacta. Os cosacos fornecem tambem excellentes marinheiros, que fazem serviço no mar Negro e no mar d'Azof, e tem organizado varios regimentos de infantaria.

Os cosacos do Don, do Oural, da Siberia, e mesmo os do mar Negro, parecem ter pouca influencia pelas guerras locais, que os expõem a perigos sem proveito. Uma guerra com algum dos estados da Europa, uma invasão na Allemanha, uma excursão á Italia, eis o objecto constante dos seus sonhos.

Accusam-se estas tribus de haverem degenerado, e de não serem tão corajosas como em outras epochas, mostrando-se ao mesmo tempo sempre rebeldes á disciplina severa por que se regem as tropas regulares. É que os cosacos não são já hoje, na maxima parte, essas hordas nomades, acampadas no solo que occupam; tornaram-se proprietarios; e os habitos da lavoura e as praticas da industria reagiram poderosamente sobre os seus costumes.

É difficil de calcular exactamente o numero de homens que os cosacos podem proporcionar á Russia no caso de uma guerra europea. Entretanto a questão pode resolver-se do modo seguinte: ou a Russia continúa a guerra do Caucaso, ou se limita a stricta defensiva, abandonando as posições mais longinquoas. Na primeira hypothese, os cosacos do Don poderiam apresentar, em tropas disponiveis, cerca de cincoenta mil homens; na segunda, poderiam augmentar estas forças com mais dez mil soldados, o que elevaria o numero total a sessenta mil cavalleiros.

OS TELEGRAPHOS ELECTRICOS EM FRANÇA.

Em consequencia da applicação da electricidade, o serviço dos telegraphos n'aquelle paiz tem tomado um desenvolvimento extraordinario. O telegrapho commum, tal como o conhecemos no nosso Portugal, punha apenas vinte e cinco cidades em communicação com Paris. No mez de junho de 1854 cento e cinco cidades estavam ligadas com a capital do imperio francez pela telegraphia electrica. Além d'isto a França, desde a mesma data, achava-se em relação electrica directa com a Inglaterra, a Belgica, a Suissa, a Baviera, o grão-ducado de Baden, a Russia, a Austria e a Sardenha.

O commercio e os particulares começam a aproveitar-se largamente das immensas vantagens que lhes proporciona este novo instrumento de rapidissimas communicações. O numero de *boletins* de particulares, que, no anno de 1851, fôra apenas de 10:000, e no de 1852 de 48:000; attingiu em 1853 a cifra de 200:000. As receitas, que em 1851 montavam apenas a 75:000 francos, ou 12:000\$ de réis da nossa moeda, elevaram-se em 1853 a 1.500:000 francos ou 240:000\$ réis; calculando-se que subiriam em 1854 a mais de 3 milhões de francos, ou perto de quinhentos contos de réis!...

EPIHEMERIDES HISTORICAS.

JANEIRO 1

- 192 — Morte do imperador Commodo.
 1532 — Descoberta do Rio de Janeiro.
 2
 1790 — Creação da academia de marinha e fortificação em Lisboa.
 1410 — Tomada de Roma pelos florentinos.
 1492 — Tomada de Granada por Fernando o catholico.
 3
 1813 — Acção de Fuentes del Maestro, ganha pelo exercito anglo-luso.
 1834 — Sortidas de Faro e Olhão.
 4
 1631 — Derrota dos holandezes em Pernambuco.
 1670 — Morte do celebre Monk, duque de Albemarle.
 5
 1568 — Tomada de Mangalor, pelos portuguezes, capitaneados por D. Antão de Noronha.
 6
 1498 — Descobre Vasco da Gama o rio dos Reis.
 1814 — Combate de la Bastide.
 1589 — Morte de Catharina de Medicis.
 7
 1830 — Morte da rainha D. Carlota Joaquina.
 8
 1510 — Tomada de Bougie pelos hespanhoes.
 1661 — Insurreição republicana em Londres.
 9
 1827 — Batalha de Coruche.
 1537 — Cosme de Medicis é eleito chefe da republica de Florença.
 10
 1717 — Creação do primeiro patriarcha de Lisboa.
 1610 — São expulsos de Hespanha os mouros.
 11
 1580 — Reunem-se côrtes em Almeirim.
 1827 — Combate das Boticas.
 1801 — Passagem do Brenta pelo exercito francez.
 12
 1809 — Os portuguezes tomam Cayenna aos francezes.
 1582 — Morte do duque de Alba.
 13
 1759 — Execução dos fidalgos, accusados e convencidos do crime de lesa-magestade, no caes de Belém.
 1655 — Morte do sabio antiquario benedictino Montfaucon.
 14
 1526 — Tratado, assignado em Madrid, entre Francisco I e Carlos V.
 15
 1438 — Publicação do codigo theodosianno.
 1724 — Abdicação de Philippe V, rei de Hespanha.
 16
 1423 — Terrivel epidemia em Coimbra.
 17
 1834 — Ataque da praça de Lagos.
 1805 — Morte do famoso orientalista Anquetil Duperron.
 18
 1535 — Fundação da cidade de Lima, no Perú, por Pizarro.
 19
 1812 — Tomada de Cidade Rodrigo pelo exercito anglo-luso.

- 1795 — Occupação de Amsterdam pelas tropas de Pichegru.
 20
 1558 — Celebram-se côrtes em Lisboa.
 1586 — Victoria alcançada pelos portuguezes em Malaca.
 1799 — Termina a segunda guerra da Vendéa.
 21
 1750 — Morte do erudito italiano Muratori.
 22
 1758 — Tomada de Koenigsberg pelos russos.
 1528 — Henrique VIII e Francisco I declaram guerra ao imperador Carlos V.
 23
 1516 — Morte de Fernando o catholico, rei de Hespanha.
 24
 1712 — Nascimento do celebre Frederico II, rei da Prussia.
 41 — Morte do imperador Caligula.
 25
 1498 — Chega Vasco da Gama ao rio dos Bons Signaes.
 381 — Morte do rei dos godos Athanarico.
 26
 1821 — Reunem-se côrtes constituintes em Lisboa.
 1593 — Abrem-se os estados geraes da Liga, em Paris.
 1479 — Tratado de paz entre Veneza e o sultão.
 27
 1654 — Pernambuco é novamente conquistada aos holandezes.
 1568 — Paz de Longjumeau com os huguenotes francezes.
 28
 1725 — Morte de Pedro o grande, imperador da Russia.
 1654 — Francisco Barreto de Menezes entra triumphante no Recife.
 1803 — Reorganisação da academia franceza.
 29
 1384 — Nuno Alvares Pereira desbarata os castelhanos na batalha dos Atoleiros.
 1814 — Morte do philosopho allemão Fichte.
 30
 1646 — Carlos I, rei de Inglaterra, é entregue aos commissarios do parlamento.
 31
 1834 — Ataque á praça de Marvão defendida pelos constitucionaes.
 1661 — O cadaver de Cromwell é exposto na forca em Tyburn.

Na morte de Nero os romanos se coroam de flores: affluem aos templos, para dar graças aos deuses: e cobrem o malvado de imprecções: taes são as honras posthumas dos tyrannos.

— São immensos os conselheiros, e raros os bons conselhos; mas a despeito d'isso, ha mais quem dê bons conselhos que quem dê bons exemplos.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

Recebem-se assignaturas para este semanario, nos logares indicados nos n.º 1 e 2, e na livraria do sr. Candido José Brabo, rua Aurea, n.º 212.